



Barra Longa,  
**Terra de  
Bordado**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Barra Longa, terra de bordado / coordenação  
Marilêne A. Marinho. -- Barra Longa, MG :  
ABBA, 2025.

Várias autoras.  
ISBN 978-65-989787-0-9

1. Artesãs - Biografia 2. Barra Longa (MG) -  
Aspectos culturais 3. Barra Longa (MG) - História  
4. Bordado - Aspectos econômicos 5. Bordado -  
Técnicas 6. Desenvolvimento econômico - Aspectos  
sociais 7. Trabalhos manuais I. Marinho, Marilêne A.

25-318868.0

CDD-745.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Artesãs : Histórias de vida : Biografia 745.5

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Venda proibida. Distribuição gratuita.



Barra Longa,  
**Terra de  
Bordado**



## **Apresentação**

**7**

---

## **Prefácio**

**8**

---

## **As mãos de Clélia**

**10**

---

## **As mãos abençoadas das bordadeiras de Barra Longa**

**16**

---

## **Associação Barralenguense de Bordadeiras e Artesãos (ABBA)**

**48**

---

## **Técnicas e pontos**

**58**

---

## **Um livro para contar a história dos bordados**

**70**

---

## **As 13 guardiãs dos fios dessa memória**

**72**

---







# Apresentação



O livro *Barra Longa, terra de bordado* nasce do desejo das bordadeiras da Associação Barralonguense de Bordadeiras e Artesãos de registrar e compartilhar a história dessa prática que, há tantas décadas, costura vidas, afetos e identidades. Assim como cada ponto exige cuidado e precisão, a memória do bordado se preserva no gesto paciente das mulheres que mantêm vivo esse saber-fazer – uma herança transmitida por mães, avós, tias e mestras, atravessando gerações e acompanhando a própria história de Barra Longa, presente nos enxovais, nos salões de costura, nas festas religiosas e no cotidiano das casas.

Mais do que registrar memórias do bordado, esta obra celebra a força criadora das bordadeiras de Barra Longa: seu trabalho, sua dedicação e a habilidade de transformar linhas em beleza, bordado em sustento e encontros em vida comunitária.

Construída com a colaboração generosa de bordadeiras, familiares e guardiãs dessa tradição – que compartilharam memórias e experiências –, a publicação reúne depoimentos que, como pontos alinhavados, compõem um desenho maior: o de uma tradição que continua a pulsar nas mãos que bordam, nesta cidade que delas se orgulha.

# Prefácio



*Aqui em Barra Longa, toda vida foi uma cidade muito tranquila, reconhece a bordadeira Maria da Conceição Natividade, a Cota. É nessa cidade do interior de Minas Gerais que, há muito tempo, as mulheres abraçam uma tradição e cuidam dela para que se perpetue.*

Nesta obra, o bordado e as bordadeiras de Barra Longa se entrelaçam. Entre fios, meadas, tecidos e muitas agulhas, 13 mulheres foram entrevistadas para contarem sobre esta arte.

A bordadeira Maria da Conceição Pinto, a Naná, conta como surgiu a ideia deste livro: *eu, Ana Maria Pereira e Maria da Conceição Natividade, a Cota, estávamos aqui na ABBA na hora que chegou o pessoal da UNESCO. “Ô, gente, como podemos ajudar vocês?”. Eu falei: “engraçado, a gente não tem um livro pra contar a história dos bordados”. Aí todo mundo aceitou e que bom que vai ficar registrado, né?*

Simples assim: uma boa ideia foi acolhida e materializada. Ao longo de alguns meses, em 2025, as bordadeiras contaram histórias sobre como aprenderam a bordar, sobre as técnicas que usam e as peças que produzem. Também falaram sobre a importância do trabalho coletivo, da valorização e da continuidade do ofício. O resultado é este livro, uma homenagem a todas as bordadeiras de Barra Longa que estão ou estiveram aqui. A todas essas mulheres que, mesmo diante de tantos desafios, encontraram tempo para bordar e criar beleza.





# As mãos de Clélia



Clélia Pereira Pimenta nasceu em Barra Longa e, durante toda a vida, foi bordadeira. Já estudava quando aprendeu a bordar à máquina com uma tia de Belo Horizonte. Tinha cerca de 15 anos e ficou tão boa nisso que a tia começou a lhe repassar encomendas. Irmã de Sônia Pereira Barreto, referência do bordado em Richelieu na cidade, dona Clélia bordou de tudo: de paninhos a vestidos de noiva, passando por almofadas, colchas, jogos de cama, toalhas de banho, rosto, mesa e banquete. Fazia até aplicação de veludo em algumas roupas bordadas: *cortava com muito jeito pra não picar a parte de baixo, que era de organdi e com veludo. Fiz dois desses de veludo, um azul marinho e um verde bandeira.*

Sempre trabalhou assim, com encomendas. Bordou mais para fora do que para ela mesma. Ainda hoje, devem existir bordados feitos por dona Clélia em muitas casas brasileiras. Ela explica como funcionava sua dinâmica de trabalho: *minha tia recebia a encomenda e mandava pra mim. As freguesas iam lá, encomendavam, escolhiam a linha que queriam, o tipo do bordado e ela mandava. Escrevia uma carta com os riscos de bordado. Relíquias!*





♦ Clélia Pereira Pimenta ♦

De vez em quando, bordava para clientes em Barra Longa mesmo, mas sempre escondido: a tia de Belo Horizonte sentia ciúmes! *Ela falava assim: “você está demorando a mandar a costura, com certeza está bordando aí”. Mas eu bordava, a pessoa vinha, insistia pra eu fazer, eu fazia e, às vezes, atrasava com o dela lá! Ela achava ruim!* É compreensível: quem não iria querer uma peça bordada por mãos tão delicadas?

Dona Clélia também bordava para presentear. Bastava a filha de alguma vizinha agendar a data do casamento e os bordados começavam. O enxoval logo era contemplado com toalhas ou jogos de cama impecáveis.

*Depois você mostra pra ela a minha colcha, eu fazia muitas delas, toalha de banquete!* Dona Clélia tem um armário cheio de peças bordadas por ela e exhibe algumas com orgulho. São, de fato, uma preciosidade.



Faz pouco tempo que dona Clélia parou de bordar. Foram mais de 70 anos entre linhas, agulhas e tecidos. Hoje, é a bordadeira mais antiga de Barra Longa e afirma, com muita certeza: *eu tenho vontade de bordar ainda*. Diz que as mãos trêmulas, no entanto, não ajudam mais, não colaboram para o bordado fique bem-feito. As mãos de Clélia estão cansadas, mas sua arte segue bordando a cidade: na memória das mulheres que aprenderam com ela, nos enxovais que atravessaram casas e histórias, e na tradição que ajudou a manter viva e pulsante em Barra Longa. Com seu ofício, abriu caminhos para que hoje outras mãos continuem bordando essa história – as mãos abençoadas das bordadeiras de Barra Longa.











# As mãos abençoadas das bordadeiras de Barra Longa



*Em Barra Longa, as meninas já nasciam com linha e agulha na mãozinha pra bordar. É dessa forma que Ana Maria Pereira, bordadeira, explica uma importante vocação da cidade. Com agulha e linha nas mãos, as meninas barralenguenses cresciam tecendo histórias, fazendo arte e assegurando a continuidade do ofício.*

A bordadeira Rosângela Maria Trindade Pinto, mais conhecida como Zanja, enfatiza que, por meio de um esforço coletivo da Associação Barralenguense de Bordadeiras e Artesãos, a ABBA, o bordado foi reconhecido como um patrimônio imaterial do município em 2005. Na prática, esse registro certifica a atividade como uma herança cultural da comunidade e assegura sua valorização em âmbito local e estadual.

Inscrito na subcategoria dos “saberes”, no Inventário de Proteção do Acervo Cultural de Minas Gerais (IPAC/MG), consta que se trata de trabalho manual feito *diariamente pelas senhoras da comunidade, de acordo com a demanda*. Segundo o documento, em Barra Longa, borda-se há tanto tempo que já não é mais possível precisar o início da atividade. É o que constata a artesã Imaculada Conceição de Almeida: *minha mãe bordava, minha avó bordava, minhas tias bordavam. Aqui em Barra Longa, a gente aprendeu a bordar com os antigos mesmo. Ela completa: minha mãe fala que, desde que se conhece como gente, já existiam bordados em Barra Longa.*



∨ ∨ ∨ ∨ ∨ ∨ ∨ ∨ ∨ ∨ ∨ ∨  
xx xxx xxx xxx xxx xxx xxx xxx xxx xxx xx

*“Eu amo Barra Longa, apesar de ter ficado mil anos fora. Depois que voltei pra aqui, tudo o que tem na cidade eu gosto de ficar no meio. Eu acho que a gente tem que levantar o nome da nossa cidade e os bordados daqui são uma coisa muito linda, muito diferente.”*

Maria Magaly Lanna,  
bordadeira de Barra Longa

xxxxxxx xxxxxx xxxxxx xxxxxx xxxxxx xxxxxx  
xx xxx xxx xxx xxx xxx xxx xxx xxx xxx xxx  
^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^

O bordado, um símbolo da cidade, foi uma iniciativa de mulheres, como Lalá, Zica, Mariquinha, Budi, Elza, Sônia e Clélia, passada de geração em geração para outras mulheres. *Eu acho que o bordado veio muito pra mostrar essa força da mulher. Aqui em Barra Longa, tiveram muitas mulheres fortes*, explica a bordadeira Maria Aparecida Lanna, mais conhecida como Pice Lanna.

| “O saber-fazer do tecer se caracteriza, em sua maioria, como uma atividade feminina que se fundamenta e se desenvolve a partir do encontro de mulheres em seu processo de aprendizagem, favorecendo a transmissão do ofício a futuras gerações e fortalecendo os vínculos sociais. [...] O produto gerado pelo saber-fazer do tecer manual carrega valores simbólicos, demonstrando sua importância para a tradição cultural e contínua perpetuação.”

| Empoderamento feminino e resiliência de artesãs por meio do saber-fazer manual têxtil: estudo de caso das bordadeiras de Barra Longa-MG | Tese de Bianca Xavier Lemes, 2022, p. 236-237





✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂

“A minha avó materna gostava muito de fazer boneca de pano. Era meu brinquedo, ela fazia e me dava. Não era de forma profissional, ela fazia pra mim. Eu sou a primeira neta dela, então ela era “superaduladeira”, né? Ela fazia as bonecas de pano pra mim, fazia tudo bem bonitinho. Ela era tipo uma artista. Pro lado da minha avó paterna, sei que eles tinham alguma coisa bordada em casa, mas eu não sei quem fazia não. Os familiares bordavam, mesmo que fosse só pra casa. Toda casa tinha uma prateleira com uns paninhos bordados, uns paninhos pra botar garfo e colher, pra tampar uma lata de gordura. Era sempre com um paninho de saco, mas branquinho e sempre com bordadinho.”

Ana Maria Pereira,  
bordadeira de Barra Longa

✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂  
✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂  
^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^









Assim tem sido. As bordadeiras de Barra Longa contam que aprenderam a bordar com suas avós, mães, tias ou professoras. *Eu tinha nove anos de idade e comecei a brincar com a agulha bordando*, contou a bordadeira Iris Ferreira Lana. Ela explicou que aprender a bordar era compromisso de moça prendada. *Minha mãe me ensinava e falava assim: “tem que aprender, moça prendada tem que saber bordar”.* Tenho orgulho de falar que aprendi com minha mãe.

Ana Maria Pereira (foto) também aprendeu a bordar com sua mãe, ainda na infância: *os primeiros pontinhos eu aprendi com a minha mãe, eu tinha seis aninhos. Lá em casa tinha muitas pecinhas bordadas, apesar de ser um ranchinho de pau a pique, um ranchinho de sapê, onde eu nasci, cresci e fiquei até os 10 anos. A minha mãe foi ensinar pra uma menina, uma adolescente que foi lá pedir pra ela ensinar, eu fiquei lá bisbilhotando e depois pedi pra ela, queria aprender também, queria bordar. Aí ela me deu uma bronca: “você é muito*



♦ Ana Maria Pereira ♦

*pequena, menina, você vai machucar a mão, você vai fincar os dedinhos todos, vai se machucar, espera você crescer mais um pouquinho". Eu, muito bicuda, encostei lá no cantinho, comecei a chorar baixinho, aí ela não resistiu. Ela me deu um pedacinho de pano, pôs a linha e a agulha, então foi assim que aprendi os primeiros pontinhos. O engraçado é que eu peguei com tanta vontade que aprendi antes da menina que ela estava ensinando. Só de olhar ela fazer, já aprendi.*

“Então é isso, desde os seis aninhos, eu aprendi os primeiros pontinhos. Depois estudei no Colégio Providência dos 10 aos 16 anos, e lá a gente tinha um horário de trabalhos manuais. Eu queria aprender, mas era tão “empirreada” que o pessoal não me dava nada pra fazer. Eu catava as linhas que elas jogavam fora, as sobrinhas, e bordava as roupinhas da minha boneca. Já que eu não podia fazer nada, porque era pequena, eu bordava as roupinhas da minha boneca, ia bordando. Minhas bonecas tinham todo o enxoval bordado, tudo bordado com toco de linha, então as cores eram todas bem malucas mesmo, tudo misturado.”

Ana Maria Pereira,  
Bordadeira de Barra Longa



*“Minha tia torta, Elza Etrusco Carneiro  
Rôla, era bordadeira antiga de Barra Longa.  
Minha mãe sempre mexeu com bordados e  
tudo, era costureira. Aprendi a fazer crochê,  
várias coisas assim. Aqui todo mundo  
aprende alguma coisa, borda qualquer tipo  
de bordado. Essa minha tia era uma das  
bordadeiras famosas de Barra Longa.  
Eu casei na família Rôla e aprendi.”*

Mônica Maria de Carvalho Rôla,  
bordadeira de Barra Longa



A bordadeira Clélia Pereira Pimenta, referência no bordado à máquina, contou que já estava mocinha quando aprendeu a bordar com uma tia. Começou aos poucos e depois passou para peças maiores, mais complexas: *era coisa pequena que eu bordava. Depois passei a bordar colcha, toalha de banquete, toalha comum.*

A história de como Maria da Conceição Pinto, a Naná, aprendeu a bordar é similar à de dona Clélia: *aos 12 anos, aprendi a bordar crochê com a minha mãe e, quando comecei, foi fazendo meia de criança, de linha fina, aquelas meinhas de pompom, touca de criança... Depois, comecei a fazer colchas e não parei mais.* A bordadeira Mônica Maria de Carvalho Rôla tece desde os 13 anos de idade, mas só aprendeu o Richelieu, técnica de bordado à máquina muito comum em Barra Longa, depois



que seu segundo filho tinha nascido. Ah, pois é agora! Ela não teve dúvidas: quando soube que um curso sobre a prática seria oferecido na cidade, há cerca de 30 anos, se organizou para não perder a oportunidade. A bordadeira Maria Antonieta Carneiro Pimenta, a Tueta (foto), contou com sua sogra, dona Clélia, para melhorar seus conhecimentos sobre bordado: *eu me aposentei em 2011 e falei: “vou ter que fazer alguma coisa”, porque a gente ficar sem fazer nada é muito ruim. “Vou aprender a bordar”, porque eu moro com minha sogra e ela é uma das melhores bordadeiras. Eu sabia até fazer crochê, aprendi aos 10 anos com minha avó, dona Nica. Fazia muito crochê, muito mesmo. Já fiz muita toalha de banquete, pano pra mesa, sabe? Pano redondo, muito bonito. Só que falei assim: “eu vou aprender a bordar aqui com a minha sogra”. Aí ela me ensinou e estou, até hoje, bordando. Desde 2012, 2013, por aí.*



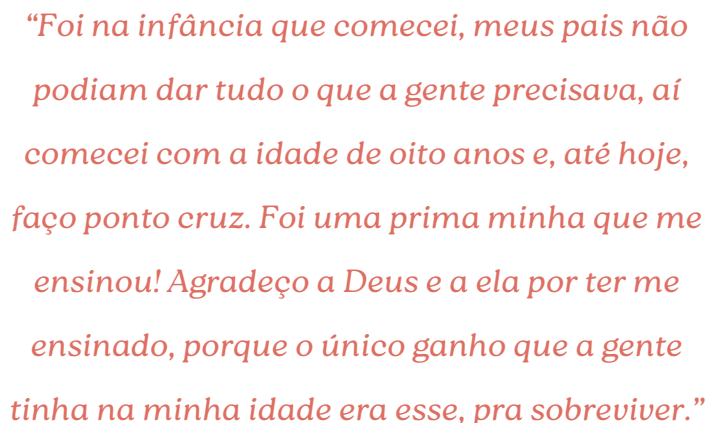
♦ Maria Antonieta Carneiro Pimenta, Tueta ♦

Por volta dos anos 1940 a 1960, os salões de bordado também garantiam a transmissão do ofício entre mulheres, que recebiam encomendas de enxovais de fora e se reuniam para tecer.

A bordadeira Maria Magaly Lanna conta: *eu bordo desde os 3 anos de idade, aprendi a bordar com minha mãe. Ela tinha salão de bordado e de costura em Barra Longa. Esses salões também são lembrados pela irmã de Magaly, Pice Lanna (foto), ambas descendentes de uma família de mulheres bordadeiras: aqui tinha o salão de dona Lalá, que era dos pontos do matiz, dos pontos livres, que são os pontos haste, ponto atrás, ponto cadeia. Do salão de Budi era o Richelieu à máquina, que também é tradição em Barra Longa. No salão de Zica e Marica, que são minhas parentes, era o de crivo. Elas faziam o crivo do norte e o crivo antigo.*



♦ Maria Aparecida Lanna, Pice ♦



“O bordado é um símbolo da cidade de Barra Longa, marcado na história dos moradores mais antigos. A manutenção dessa técnica é um resgate à cultura local e dos tempos áureos dos “Salões das Bordadeiras”. Além disso, é uma das principais atividades econômicas para as mulheres da cidade, pois ajuda a complementar a renda familiar, além de estimular o encontro, a troca de informações e a solidariedade entre artesãs de várias idades.”

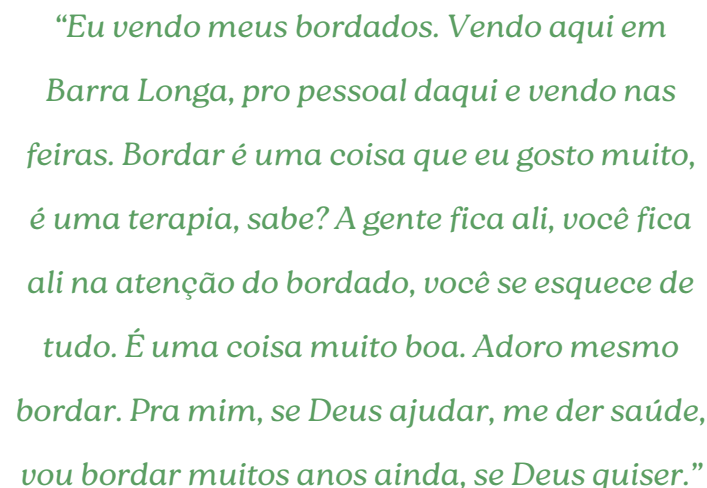
27











30



A bordadeira Maria da Conceição Natividade, a Cota, já tem o costume: *dependendo do lugar onde vou, consigo levar um crochê pra fazer. Depende: se vou demorar muito, passar o dia todo e se eu sei que tem um período livre, levo um pontinho livre para fazer ou um ponto cruz. Onde eu vou, estou levando e fazendo.* Com a bordadeira Noêmia dos Santos (foto) é do mesmo jeito: *o lugar onde eu vou, eu levo!* Ela contou que borda com mais frequência em sua casa, no distrito de Água Fria, e que gosta de se sentar no terreiro, debaixo de uma árvore, para tecer: uma imagem de paz e puro contentamento.



♦ Noêmia dos Santos ♦

As bordadeiras produzem diversos tipos de peças e por vários motivos. São almofadas, panos de prato, fraldas, toalhas de rosto, de banho, de mesa e de banquete, caminhos de mesa, jogos de lençol, travesseiros, fronhas e colchas. Elas também bordam bolsas, roupas para crianças e adultos, como saias, vestidos e conjuntinhos. Entre os temas reproduzidos nos bordados, Carmen Lúcia Xavier Carneiro cita que Barra Longa é uma fonte de inspiração, com as *capelas, a igreja, a pracinha, a [avenida] beira rio com os coqueiros, fica muito bonito*. Iris Ferreira Lana também conta que a cidade, com a igreja matriz e seus pontos turísticos, costuma ser retratada nas peças bordadas, mas assume sua paixão: *meu forte mesmo é o matiz à mão, são flores*. Tudo vira arte nas mãos das bordadeiras.

Todo bordado é materializado a partir de determinada técnica, mas as bordadeiras de Barra Longa dão seu toque especial a cada peça. Com cuidado e dedicação, elas vão criando um estilo próprio, em um processo que envolve criatividade, aprendizado, inspiração e conhecimento de si. Sobre isso, Ana Maria Pereira revela: eu gosto de misturar as coisas, gosto de brincar com cores. Maria da Conceição Natividade, a Cota, também é do time das cores: gosto de tudo muito colorido.

*Isso é da menina de Barra Longa: Pice Lanna assinala sua satisfação quando um bordado é reconhecido como uma arte produzida por ela, que explica o trabalho exercido em seu ateliê: até você criar essa identidade é um processo. Você tem que profissionalizar, fazer curso, você tem que ver o que você pode estar fazendo pra inovar. Eu acho que você tem que estar sempre inovando, sempre pensando pra frente, sabe? O meu bordado é um bordado que vem com a tradição de Barra Longa, porém, eu fiz uma inovação, porque antes era flor, era fruto, aquelas coisas clássicas. Eu mudei, botei o monocrático, o cotidiano nosso do interior. Hoje, as minhas peças retratam isso, a simplicidade.*



Pice Lanna,  
bordadeira de Barra Longa



A depender da técnica, bordar não é simples. Maria Antonieta Carneiro Pimenta, a Tueta, aconselha: *tem que ter muita paciência para fazer o bordado, muita paciência!* Apesar disso, as mulheres de Barra Longa continuam se dedicando ao ofício. Elas superam as dificuldades e tecem peças bonitas. *Eu sempre fui bem caprichosa*, reconhece Ana Maria Pereira. Entre as bordadeiras orgulhosas do próprio trabalho, está Clélia Pereira Pimenta. Ao apontar para uma das inúmeras colchas que bordou vida afora, exclama satisfeita: *aquela minha colcha parece até bordada à mão, muito bem-feita!* Com alegria, Mônica Maria Carvalho Rôla (foto) conta: *eu sou muito elogiada, todo mundo fala que meu bordado é muito bonito. É um dom de cada um. Eu mesma sei riscar, eu mesma sei bordar, sei fazer direitinho, no lugar certo. Esse fim de semana mesmo eu fiz pra um bebezinho que vai nascer. A menina me elogiou demais: “mãos abençoadas!”. Faço com capricho.*



♦ Mônica Maria Carvalho Rôla ♦



“Esse nosso bordado não é uma coisa que você faz de um dia para o outro, leva dias, talvez até meses, dependendo da peça. Tem todo um processo. Você imagina que vai fazer um jogo de cama, um virol. Ali você tem que pensar na matéria-prima que você vai usar, no risco, se vai ser à máquina, no Richelieu ou se vai ser bordado à mão. Então, depois que se pensa tudo, você começa. Depois que já passa o risco pro pano, pro tecido, aí que você vai começar. É uma coisa que não é feita de um dia para o outro. Leva dias.”

Besângela Maria Trindade Pinto  
(Zanja), bordadeira de Barra Longa



Dizem que, na cidade, há malas e armários lotados de bordados. Há de tudo ali: paninhos, colchas, toalhas de lavabo... Peças gastas de tanto uso, outras eternamente guardadas para uma ocasião especial. São parte de enxovais, heranças para os corações mais sensíveis. Há tecidos que já atravessaram gerações antes de receberem o toque de quem borda hoje – a peça mais antiga que a própria bordadeira.

Mas, afinal, para que bordam as bordadeiras? Em Barra Longa, elas respondem sem titubear. Bordam para presentear, para vender, para passar o tempo, para manter a tradição e, principalmente, para aproveitarem as companhias umas das outras.

Por reconhecerem a beleza das peças que produzem, as bordadeiras não pensam duas vezes: bebês recém-nascidos, aniversariantes e recém-casados são presenteados com toalhas, colchas, almofadas, jogos de cama. Que sorte, não?! Mônica Maria de Carvalho Rôla, ocupada entre os bordados, a rotina doméstica e os cuidados com a família, revela como faz para organizar seu tempo e dar conta de tudo: *à noite, eu faço mais presentes. Pra casamento, dou muito jogo de banho, inclusive, tem três na lista pra entregar. Jogo “ele e ela” é o que eu mais faço pra presente.* Clélia Pereira Pimenta se recordou de presentear, com virol e toalhas, as filhas de sua vizinha, quando se casavam: *todas tinham bordado meu.*

Carmen Lúcia Xavier Carneiro reflete sobre um importante motivo que a faz gostar tanto de bordar: *you não fica tão parada, só mexendo na cozinha, nem arrumando casa, cuidando, né? Bordando também é uma distração boa, é bom pra cabeça da gente.* Maria da Conceição Natividade, a Cota, concorda: *eu acho que é uma terapia, porque a gente começa a fazer e empolga: “ah, vou fazer isso aqui desse jeito assim”. A gente acaba se esquecendo de tudo, dos problemas, das outras coisas. Para mim, é uma terapia muito boa.* Por sua vez, Imaculada Conceição de Almeida (foto) comentou sobre como tem oferecido outro destino importante ao artesanato que produz. Ela doa peças para serem usadas em sorteios destinados à arrecadação de verba para custear tratamentos de saúde de crianças. Bordar transforma vidas em muitos sentidos.







♦ Carmen Lúcia Xavier Carneiro ♦

Em Barra Longa, a venda dos artesanatos complementa a renda de algumas mulheres e é a principal ocupação de outras. Atualmente, na cidade, muitas bordadeiras são aposentadas. Antes, se dedicavam a profissões diversas, como na docência e no funcionalismo público. Carmen Lúcia Xavier Carneiro (foto) conta que, quando ainda trabalhava como professora, exercia seu ofício como bordadeira paralelamente: *fui, por muito tempo, sacoleira. Vendia em Mariana, em Ponte Nova. Até meus meninos, quando eram pequenos e tinham 11 e 12 anos, iam me ajudar. Vendia de porta em porta. Levava o que eu tinha: toalha de mesa, toalha de banquete, colcha, toalha de lavabo, jogo, panos redondos pra enfeitar, caminho de mesa. O que eu tinha, tudo!*

Pice Lanna se dedica exclusivamente ao ofício e é a dona de um ateliê de bordados finos, no qual investe na produção de peças que são vendidas no Brasil e no exterior. Um dos seus diferenciais, reconhece, é a preocupação em agradar seus clientes. Esse é o meu negócio, admite orgulhosa. Clélia Pereira Pimenta também dedicou a vida ao trabalho manual. Inicialmente, bordava peças encomendadas pela tia, que vendia em Belo Horizonte, mas também atendia às freguesas da cidade.

“Antigamente, a feitura do bordado era intimamente ligada a uma satisfação pessoal (hobby) e para uso próprio. Posteriormente, foi sendo utilizada como fonte de renda.”  
—  
Registro do bordado como patrimônio imaterial de Barra Longa  
Inventário de Proteção do Acervo Cultural de Minas Gerais, 2005

Em Barra Longa, a tradição do bordado também se revela na fé e nos festejos religiosos. Nas procissões do Domingo da Ressurreição e de Corpus Christi, as famílias adornam as janelas com suas melhores peças – colchas, toalhas e bordados antigos, muitos deles centenários, guardados como verdadeiros tesouros de família.

Ana Maria Pereira recorda, com encanto, a beleza dessas decorações e o envolvimento coletivo. Para ela, não é raro ser difícil escolher o que expor: cada peça carrega uma delicadeza e um valor afetivo que atravessam o tempo. Esse gesto, diz, é expressão de uma religiosidade profunda, que há gerações conecta fé, tradição e comunidade.

Carmen Lúcia Xavier Carneiro também guarda essa memória. Conta que está restaurando uma colcha de cerca de 150 anos, bordada por sua avó Lalá – um trabalho em crochê com barbante de seda bege, que por muitos anos enfeitou as janelas durante as procissões, testemunhando a continuidade das mãos, das histórias e das devoções.



*Todo mundo que precisa, que pede, que quer aprender, a gente ensina*, comenta Maria da Conceição Pinto, a Naná. As bordadeiras de Barra Longa também encontram tempo para ensinar o ofício. Para isso, basta que alguém queira aprender. Iris Ferreira Lana avisa: *ensino e não cobro nada*. Maria da Conceição Natividade, a Cota, enfatiza a importância de ensinar as técnicas *para não terminar a tradição*. Imaculada Conceição Almeida se importa com a transmissão do ofício e conta que ensina crianças da sede e dos distritos a bordarem e a fazerem artesanato com materiais reciclados. *Já ensinei algumas pessoas que me procuraram, já fui passando ao menos um pouquinho*, revela Ana Maria Pereira. O mesmo acontece com outras bordadeiras da cidade. Todas estão profundamente comprometidas com a prática e, se depender delas, sua perenidade está garantida. *É a nossa esperança*, declara Ana Maria Pereira.

As informações sobre a técnica do bordado são passadas às novas gerações pela mãe ou por outras mulheres da família. Algumas integrantes da “Associação Barralanguense de Bordadeiras e Artesãos” organizam aulas em suas residências para ensinar o novo ofício para as pessoas interessadas.

Registro do bordado como patrimônio imaterial de Barra Longa. Inventário de Proteção do Acervo Cultural de Minas Gerais, 2005

Por trás da delicadeza dos bordados existe trabalho, persistência e uma rotina que nem sempre recebe o reconhecimento merecido. Ainda assim, o amor pelo fazer permanece. É preciso admitir que nem sempre o trabalho é valorizado e que as dificuldades do dia a dia podem comprometer a dedicação, mas a satisfação que sentem com seu ofício é inquestionável. Maria da Conceição Pinto, a Naná, afirma, com um sorriso no rosto: *eu sinto um orgulho de ser bordadeira!* Noêmia dos Santos exclama: *me sinto uma rainha! O que eu faço é maravilhoso!*

*Amo o que faço! Amo demais o que faço! Rosângela Maria Trindade Pinto, a Zanja, também admite: me sinto valorizada e acho lindas as coisas que bordo! Carmen Lúcia Xavier Carneiro compõe esse coro: me sinto valorizada! É muito bom! É gostoso! Toda a vida, desde nove anos, sou apegada nessas coisas!*

Bordar faz tão bem a essas mulheres que Maria Magaly Lanna declara, sem pestanejar: *hoje, a minha vida é isso, bordar. Maria da Conceição Natividade, a Cota, está de acordo: meu sonho é me aposentar e ficar só por conta do bordado. Barra Longa é do jeito que Ana Maria Pereira explica: todo lugar que você for aqui, você vai achar alguma coisinha bordada. É impressionante. Iris Ferreira Lana (foto) arremata: o bordado não pode parar, tem que continuar. Barra Longa é terra de bordado.*



♦ Iris Ferreira Lana ♦



*Ficou bonitinho."*

Ana Maria Pereira,  
Bordadeira de Barra Longa









“Comecei a trabalhar como bordadeira, fazendo crochê, com 9 anos de idade. Eu morava na roça e meu pai vinha me trazer pra escola. Na hora que a aula terminava, até ele chegar na rua pra me pegar, eu ficava na casa da minha tia Nica e ela fazia muito crochê. Foi o meu primeiro artesanato, né? Depois do crochê, comecei a fazer mesmo. Antes a gente fazia quadro pros outros. A gente fazia por novelo, por quadro e recebia o que elas pagavam. Depois, eu comecei a bordar outros tipos de bordado com a minha avó Lalá, era crochê e outros bordados. Aprendi o matiz com minha tia Tetê, mas acontece que a gente, como trabalhava na roça, não tinha muito tempo de ficar por conta de ponto cruz, de matiz. Era mais fácil mesmo o crochê, porque é só a linha e mandar brasa, né? Não precisava de luz e nem tinha luz pra gente bordar, porque sempre era à noite que a gente fazia. Fazia pra vender, pra ajudar na despesa. O pessoal todo comprava e encomendava. E aí continuei, toda a vida, eu continuei. Depois, fui aprender os pontos livres, a bainha comum e a trabalhada, o crochê de linha fina, de linha grossa.”

Carmen Lucia Xavier Carneiro,  
bordadeira de Barra Longa













# Associação Barralenguense de Bordadeiras e Artesãos (ABBA)

*“Uma andorinha só não faz o verão”*



*A união faz a força, né? É aquela coisa: uma andorinha só não faz o verão.* Maria da Conceição Natividade, a Cota, recorre a dois ditados populares muito conhecidos para explicar como as bordadeiras de Barra Longa tiveram a ideia de se unirem para trabalhar juntas.

Manter viva a tradição do bordado na cidade traz todo tipo de desafios e as bordadeiras reconhecem isso. Foi assim que surgiu, em 2003, a Associação Barralenguense de Bordadeiras e Artesãos, a ABBA, um esforço coletivo que, até hoje, rende bons resultados e mantém o grupo unido.

O surgimento da associação foi uma conquista. Maria da Conceição Pinto, a Naná, ainda se recorda: *nós fundamos esse grupo com muito sacrifício. Na época, tinha muita gente, a gente trabalhou muito, virou muita noite... Toda festa que tinha, a gente fazia caldo, fazia pastel, fazia tudo pra vender, pra arrecadar dinheiro, pra gente registrar, porque a gente não tinha nada.*

Para Naná, pertencer à associação de bordadeiras também é uma importante distração: *a gente não pode ficar só entre quatro paredes, dentro de casa. Na ABBA, a gente vem, a gente conta caso, chega uma pessoa, a gente conversa, é muito bom.* Mônica Maria de Carvalho Rôla concorda: *quando a gente se reúne é muito gostoso.*



♦ bordadeiras em frente à ABBA ♦



♦ Maria da Conceição Pinto, Naná ♦

Carmen Lúcia Xavier Carneiro conta que o surgimento da ABBA foi apoiado pela prefeitura municipal de Barra Longa, que contribuiu com o pagamento de algumas despesas e ajudou com muitos trâmites burocráticos. Ela, Maria da Conceição Pinto, a Naná, Mônica Maria de Carvalho Rôla, Rosângela Maria Trindade Pinto, a Zanja, Maria Magaly Lanna e Iris Ferreira Lana são as bordadeiras que compõem a associação desde seu comecinho, quando o grupo era composto por mais de 50 integrantes. Com o passar do tempo e com a vida sendo vida – *umas vendo que não dava, outras casando, menino nascendo, mudando de emprego, mudando de cidade*, conforme explica Carmen –, o número de bordadeiras da associação diminuiu. Atualmente, a ABBA é composta por:

|                                |                                |
|--------------------------------|--------------------------------|
| Ana Laura Ferreira Neves Rocha | Maria Helena da Silva          |
| Ana Maria Pereira              | Maria José Rôla Carneiro       |
| Carmen Lúcia Xavier Carneiro   | Maria Magaly Lanna             |
| Iris Ferreira Lana             | Mônica Maria de Carvalho Rôla  |
| Maria Antonieta Pimenta        | Noêmia dos Santos              |
| Maria da Conceição Natividade  | Rosângela Maria Trindade Pinto |
| Maria da Conceição Pinto       | Sandra Joana da Cruz Teófilo   |
| Maria de Matos de Castro       | Terezinha Lúcia Matozo Mendes  |



A associação está localizada bem no centro da cidade e ocupa a *casa mais antiga de Barra Longa, quase em frente à igreja*, conforme explica Maria Magaly Lanna, atual secretária da ABBA. Não tem erro, é fácil de encontrar e suas portas estão sempre abertas para receber visitantes, clientes e amigos: *a gente abre a casa, cada dia é uma que fica lá.*

*“Quando as meninas estão na ABBA, todas juntas, nós estamos aprendendo alguma coisa diferente, vem professora de fora, aí a gente está fazendo junto, tudo junto. É muito bom. Aqui é um ponto onde a gente aprende outras coisas que ainda não tinha aprendido. Tenho certeza que aquele produto que a gente fez, um dia, vai vender.”*

Maria da Conceição Natividade, a Cota, informa como tem funcionado a divisão de tarefas na associação: *quando a gente tem encomenda, a gente divide a tarefa. Uma pega tantas peças, outra pega tantas. Quem pode pegar mais, pega mais; quem não pode, pega menos. Então o trabalho é dividido.* A demanda parece ser intensa e, mesmo com trabalhos particulares, Maria Magaly Lanna (foto) gosta de priorizar a associação: *sempre tenho muita coisa pra bordar, mas sempre faço questão de pegar as coisas da ABBA, senão a gente perde. Se cada uma ficar só com o que é seu, lá fica sem ninguém. Então, quando pegam algum trabalho, elas colocam no grupo, aí todo mundo pega pra fazer, cada uma fica com alguns. Isso é muito gostoso, o grupo, sabe?*



♦ Maria Magaly Lanna ♦

Maria Antonieta Carneiro Pimenta, a Tueta, é a atual presidenta da ABBA. Ela também explica sobre a divisão de tarefas, que assegura que o espaço físico esteja sempre em funcionamento: *a cada dia, é uma artesã que vai, de segunda a sexta. Aos sábados, a gente não atende, só se for o caso de chamarem a gente, aí a gente vai. É uma turma bacana que a gente tem lá, porque cada uma faz um tipo de bordado, né? Algumas fazem o Richelieu, outras só os pontinhos, tem quem faz crochê, bordado à mão.*

v x x x x x x x x x x x x x x x x  
 x x x x x x x x x x x x x x x x

*“Quando é encomenda, a gente faz tudo igual, o mesmo ponto, porque não pode ficar uma coisa diferente da outra. Mas, quando a gente pega pra bordar em casa, cada uma cria o seu, é livre. O bordado é mesmo como uma ocupação, pra gente não ficar parada, ociosa. O bordado é muito bom pra gente distrair. Na ABBA, tem um grupinho que é bem bacana. Esse grupo foi criado por umas colegas e, na época, eram muitas pessoas. Depois foi reduzindo e, hoje, são 12 pessoas que atuam mesmo. Eu sou uma das que ajudou a criar e estou até hoje.”*

Rosângela Maria Trindade Pinto  
 (Zanja), bordadeira de Barra Longa

x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x  
 x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x x  
 ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^





Ao explicar o que a levou a participar da ABBA, Tueta respondeu: *as meninas me chamaram: “vamos, Tueta, vamos fazer parte da associação, é uma coisa boa”. Eu disse: “eu vou, porque vai ser bom pra mim”. Vai ser bom e está sendo bom! A gente até distrai, é bom você encontrar com mais gente, ao invés de só ficar dentro de casa bordando. Fora que a gente sai também pra exposição e vai se distraindo também.*

As exposições parecem ser outro ponto alto da experiência das bordadeiras da ABBA. Elas viajam, conhecem outras cidades, outras bordadeiras, aprendem novas técnicas, se inspiram, vendem e, como não poderia deixar de ser, se divertem bastante. Iris Ferreira Lana é apaixonada pela associação e já ocupou os cargos de presidente, tesoureira e secretária. Ela afirma orgulhosa: *adoro fazer as minhas feiras!* Juntas, estiveram em feiras realizadas em Belo Horizonte, Ponte Nova, Uberaba, Araxá, Tiradentes, São João del-Rei, Brasília, São Paulo, Vitória... De Barra Longa para o mundo!













# Técnicas e pontos

*“É muita coisa que a gente sabe fazer”*



*Eu observava sempre aqueles grupinhos nas portas fazendo crochê, outras fazendo bainha, fazendo ponto cruz. Aqui em Barra Longa, tinha muito isso. Maria da Conceição Natividade, a Cota (foto), se recorda de uma época em que, na cidade, bordado se fazia também na porta de casa. A bordadeira conta uma história que possui muitos elementos em comum com as de outras mulheres da comunidade: quando eu tinha nove, 10 anos, via a minha avó bordando pontinho livre, fazendo bainha, fazendo broia, e ficava encantada. Não tinha aquela variedade de cores igual a gente tem hoje, mas eu achava muito bonito. Com isso, quando fiz 10 anos, quase 11, formei, tirei a 4ª série e fui trabalhar na casa de uma vizinha. O ponto cruz estava no auge e ela pediu a uma colega que me ensinasse a bordar. Comecei com o ponto cruz e, em seguida, já não parei mais. Aprendi, continuei fazendo e fui aprendendo a fazer outros pontos, como crochê, e estou até hoje.*



No Inventário de Proteção do Acervo Cultural de Minas Gerais, que reconheceu o bordado de Barra Longa como patrimônio imaterial, há informações sobre os principais materiais utilizados pelas bordadeiras em seu ofício: *máquina de costura comum, agulha de mão, agulha comum, agulha de crochê, bastidor de madeira (tamanhos pequeno, médio e grande), que consiste numa peça circular de madeira com o dispositivo de encaixe do tecido para firmá-lo durante a atividade – cada material depende da técnica e do tipo de bordado a ser feito.*

“A bordadeira separa os materiais a serem utilizados de acordo com o tipo de bordado – alguns são confeccionados à mão, em que se utiliza a agulha e o bastidor para prender o tecido; para o bordado feito mecânico, utiliza-se a máquina de costura comum e também o bastidor. Os modelos e desenhos usados são réplicas tiradas de revistas ou mesmo criações próprias de cada artesã, segundo a encomenda feita. São vários os tipos de bordados, que se diferenciam pela complexidade e pelo tipo de acabamento.”

—  
*Registro do bordado como patrimônio imaterial de Barra Longa. Inventário de Proteção do Acervo Cultural de Minas Gerais, 2005*

*Em Barra Longa, tem o ponto cruz, ponto correntinha, ponto livre e crochê, coisa que é mais antiga. Desde a idade que eu comecei, já conheço, assinala Noêmia dos Santos. Maria da Conceição Natividade, a Cota, completa a lista: bordamos bainha, broia. Tinha também o macramê e o crivo.*

*É muita coisa que a gente sabe fazer, admite Carmen Lúcia Xavier Carneiro. Pontos livres, bainha, broia, ponto cruz e crochê são algumas das técnicas praticadas pelas bordadeiras de Barra Longa. Há também o Richelieu, o matiz e o crivo antigo.*



Rosângela Maria Trindade Pinto, a Zanja (foto), revela como aprendeu o Richelieu, técnica de bordado à máquina em que o tecido trabalhado fica com um aspecto de renda muito bonito: o *Richelieu* é uma prática bem antiga, que foi passando de geração para geração. Aprendi com minha vizinha, que bordava à máquina e já é falecida, a Elza Etrusco Carneiro Rôla. Eu fazia lá em casa, ela ia lá, olhava e falava: “não, é assim ou assim”. A Maria da Conceição Pinto, a Naná, também me deu muitas dicas no Richelieu.



♦ Rosângela Maria Trindade Pinto, Zanja ♦

Ana Maria Pereira explica: o *Richelieu* é um bordado à máquina conduzido com a mãozinha da bordadeira. A máquina vai batendo e ela conduz. Há mais informações sobre as técnicas no inventário de reconhecimento do bordado de Barra Longa como patrimônio imaterial:

**Crivo:** já com o risco feito, prende-se o tecido no bastidor, conta-se os fios, tirando quatro, deixando quadro, “descendo” na direção da trama do tecido, de maneira a ir formando quadriculados entre os desenhos já marcados, dando os contornos desejados.

**Richelieu:** o molde é riscado no tecido que, posteriormente, é preso no bastidor. Passa-se uma costura em volta do risco, corta o interior dos desenhos cheios e bordam-se os contornos. Dependendo do molde, um barbantinho (fio urso) é colocado como arremate.

**Ponto cruz:** usa-se o tecido etamine, faz-se o risco e, com a agulha de mão, vai fazendo os “x” nos quadrinhos do tecido, utilizando linha própria (Corrente Âncora). Existem vários outros tipos de bordado, como o matiz, cheio, ponto turco, ponto caseado, bainha, vagonite, macramé (antigo brólia), barrafunda etc.



♦ bordados em matiz ♦

Na ABBA, as bordadeiras oferecem cursos sobre algumas dessas técnicas e organizaram um passo a passo sobre elas! Nas aulas sobre matiz, explicam que o material necessário é tecido, agulha de costura, linha de meada, tesoura, lápis e carbono. Muito resumidamente, borda-se matiz assim: as linhas devem ser separadas por cores; risca-se um quadrado; o ponto matiz é bordado nesse quadrado; riscam-se e bordam-se flores e folhas. Lindo demais.





♦ bordados em ponto livre ♦

Nas aulas sobre pontos livres, o material é o mesmo: tecido, agulha, linha, tesoura, lápis e carbono. As bordadeiras ensinam que, primeiro, os desenhos no tecido devem ser bordados. Com as linhas separadas por cores, borda-se ponto atrás, ponto cadeia, nó francês, caseado ou ponto escama.

“Eu trabalho com cama, mesa e banho no geral. O que eu gosto mais de fazer é cama, jogo de lençol, peça maior. Não gosto de fazer peça pequena, não. Só não gosto de fazer o crivo. Comecei a aprender e não quis continuar. O crivo é muito demorado.

À máquina, hoje, eu não bordo mais, mas bordo um pouquinho à mão. Marco bainha, faço bainha à mão. Todo tipo de bordado eu faço.”

Iris Ferreira Lana,  
Bordadeira de Barra Longa





#### ♦ bordados em crochê ♦

Nas aulas sobre crochê, as bordadeiras explicam que os materiais são: agulha de crochê, linha e tesoura. Os pontos ensinados são: corrente, ponto alto, ponto baixo, ponto rede, ponto xadrez, ponto lajes, ponto festão rendado. Também mostram como alinhar, casear e passar bico no tecido. Ao final da oficina, as aprendizes já sabem fazer paninhos redondos e quadrados.













# Um livro para contar a história dos bordados



*Engraçado, a gente não tem um livro pra contar a história dos bordados, havia constatado, tempos atrás, a bordadeira Maria da Conceição Pinto, a Naná. Agora, com esta obra, a história do bordado de Barra Longa foi registrada a partir do que as bordadeiras têm para contar. Essas mulheres, que cresceram bordando, disseram que aprenderam a bordar em família, com outras mulheres. Todas estão atravessando a vida entre agulhas, linhas e tecido. Fazem arte e são parte importante da identidade cultural da cidade.*

Bordam de tudo. Crochê, ponto cruz, Richelieu, crivo, matiz, pontos livres. Usam linhas coloridas, mas também optam por tons monocromáticos. Bordam sozinhas, em suas casas e nos ateliês, ou juntas, na associação local. Bordam para presentear, vender ou, ainda, para elas mesmas. Ensinam para quem quiser aprender e desejam que as futuras gerações se interessem pelo ofício. Reconhecem o valor e a importância do seu trabalho, afinal, tudo fica especialmente bonito nas mãos abençoadas das bordadeiras de Barra Longa.



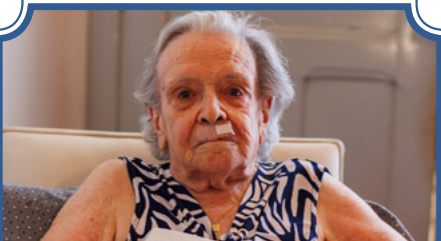
## **As 13 guardiãs dos fios dessa memória**



**Ana Maria Pereira**



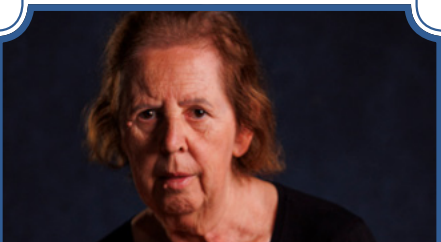
**Carmen Lúcia Xavier Carneiro**



**Clélia Pereira Pimenta**



**Imaculada Conceição de Almeida**



**Iris Ferreira Lana**



**Maria Antonieta Carneiro (Tueta)**





**Maria Aparecida Lanna (Pice)**



**Maria da Conceição (Cota)**



**Maria da Conceição Pinto (Naná)**



**Maria Magaly Lanna**



**Mônica Maria de Carvalho Rôla**



**Noêmia dos Santos**



**Rosângela Maria Trindade (Zanja)**

## Referências

ABBA. Associação Barralenguense de Bordadeiras e Artesãs. Plano de trabalho. Barra Longa, 4 de abril de 2025.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Barra Longa. Panorama. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/barra-longa/panorama>. (Acesso em: 2 set. 2025.)

IPAC/MG. Inventário de Proteção do Acervo Cultural de Minas Gerais. Bens imateriais. Artesanato do bordado. Barra Longa, Minas Gerais, Brasil. Belo Horizonte: IPAC/MG, 2005.

LEMES, Bianca Xavier. Empoderamento feminino e resiliência de artesãs por meio do saber-fazer manual têxtil: estudo de caso das bordadeiras de Barra Longa-MG. 2022. 278f. Tese (Doutorado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

**Coordenação editorial:**

Marilêne A. Marinho

**Entrevistas:**

Crislen Machado

Elodia Honse Lebourg

**Transcrição, conferência de fidelidade e copidesque:**

Crislen Machado

Elodia Honse Lebourg

**Pesquisa:**

Elodia Honse Lebourg

**Desenvolvimento de conteúdo:**

Ana Laura Ferreira Neves Rocha

Ana Maria Pereira

Carmen Lúcia Xavier Carneiro

Iris Ferreira Lana

Maria Antonieta Carneiro Pimenta

Maria da Conceição Natividade

Maria da Conceição Pinto

Maria de Matos Coelho de Castro

Maria Helena da Silva

Maria José Rôla Carneiro

Maria Magaly Lanna

Mônica Maria de Carvalho Rôla

Noêmia dos Santos

Rosângela Maria Trindade Pinto

Sandra Joana da Cruz Teófilo

Terezinha Lúcia Matozo Mendes

**Texto:**

Elodia Honse Lebourg

**Revisão:**

Crislen Machado

Elodia Honse Lebourg

Marilêne Marinho

**Registro fotográfico:**

Lucas de Godoy

Luiza Geoffroy

**Projeto Gráfico:**

Coletivo É

**Diagramação:**

Carol Lagamba

**Colaboração:**

Secretaria Municipal de Cultura  
e Turismo de Barra Longa

Esta publicação tem a cooperação da UNESCO no âmbito das ações de registro de memória do Plano de Referências Culturais. As indicações de nomes e a apresentação desta publicação não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites. As ideias e opiniões expressas nesta publicação são as dos autores e não refletem obrigatoriamente as da UNESCO, nem comprometem a Organização. As ações deste projeto são realizadas em cumprimento ao Novo Acordo do Rio Doce.



